

Marluci Fontana Drum<sup>1</sup>

Cristiane Dall' Cortivo Lebler<sup>2</sup>

### RESUMO

Partindo-se das orientações contidas na Base Nacional Comum Curricular, publicada no ano de 2019, este artigo tem por objetivos a) apresentar uma síntese teórica acerca dos gêneros jornalísticos no Brasil, e b) apresentar como a Semântica Argumentativa, desenvolvida por Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombre e Marion Carel, pode servir como subsídio para o desenvolvimento de algumas habilidades previstas no documento para o ensino das Linguagens, especialmente, da Língua Portuguesa. Para isso, analisamos um discurso do gênero Reportagem, publicado na revista Veja, intitulado Os últimos dias de Dilma Rousseff, por meio do qual buscamos evidenciar a importância do ensino de língua através de gêneros e a necessidade da análise da construção linguística do sentido.

**Palavras-chave:** Argumentação na Língua. BNCC. Ensino de língua.

### ABSTRACT

Based on the guidelines in the Brazilian National Curricular Common Base (BNCC) published in 2019, this paper aims to a) present a theoretical synthesis about journalistic genres in Brazil, as well as b) present how the Argumentative Semantics developed by Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombre and Marion Carel can contribute to the development of some skills provided in those guidelines for Language teaching, especially for the Portuguese Language. Therefore, we have analyzed the discourse of a news report, entitled “The Last Days of Dilma Rousseff”, that was published in the magazine Veja. Our aim was to highlight the importance of language teaching through genres as well as the need for the analysis of linguistic construction of meaning.

**Keywords:** Argumentation within Language. BNCC. Language teaching.

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Santa Cruz do Sul/RS, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7840-9303>. E-mail: marlucidrum@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Florianópolis/SC, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3389-1850>. E-mail: cristiane.lebler@gmail.com.



## 1 PALAVRAS INICIAIS

Desde a publicação dos *Parâmetros Nacionais Curriculares*, no ano de 1998, a atenção ao ensino de língua voltado para as práticas sociais e para formas efetivas de uso da língua, com foco nos gêneros textuais/discursivos<sup>3</sup>, tem-se intensificado. A ampliação e a importância que ganhou o *Exame Nacional do Ensino Médio*, a publicação das alterações na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*, em 2017, e, por fim, a publicação da versão final da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), em 2019, vêm fortalecer a necessidade de se rever o ensino das linguagens de maneira não mais restrita apenas à modalidade verbal e ao texto em seu formato tradicional, mas de forma a contemplar a multissemiose e as novas tecnologias da informação e comunicação, bem como os inúmeros gêneros textuais/discursivos de esferas como a jornalística, por exemplo.

Assim, tomando como ponto de partida as orientações contidas na BNCC (BRASIL, 2019), este trabalho tem como objetivos a) apresentar uma síntese teórica acerca dos gêneros jornalísticos no Brasil, como um guia para o ensino de língua com base em gêneros textuais/discursivos presentes no cotidiano dos estudantes e b) apresentar como a Semântica Argumentativa pode ser uma ferramenta para a análise linguística desses discursos, com vistas ao desenvolvimento de algumas das habilidades presentes no documento, conforme veremos na seção a seguir. A fim de atingirmos os objetivos deste trabalho, analisaremos, com base nos pressupostos teóricos acima mencionados, uma reportagem, publicada no portal online da Revista Veja, intitulada *Os últimos dias de Dilma Rousseff*.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos as orientações sobre o ensino na área de Linguagens e, especialmente, de Língua Portuguesa, presentes na BNCC. Após, exploramos o universo teórico dos gêneros jornalísticos e apresentamos os pressupostos da Semântica Argumentativa e da Teoria dos Blocos Semânticos. Na sequência, é analisada a reportagem *Os últimos dias de Dilma Rousseff*, publicada no site da revista *Veja*, com base no referencial teórico adotado. Por fim, apresentamos as considerações finais.

## 2 A ÁREA DAS LINGUAGENS NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Aprovada no ano de 2017 e publicada em sua integralidade em 2019, a BNCC é um documento de caráter normativo que visa a definir o conjunto das aprendizagens que todos os alunos devem desenvolver no decurso da Educação Básica. Esse conjunto de aprendizagens, segundo a BNCC, deve-

<sup>3</sup> Para a distinção entre gênero textual e discursivo, consultar Rojo (2005).





se dar por meio do desenvolvimento de competências e habilidades, definidas de acordo com cada uma das áreas previstas, dentre elas, a das Linguagens. Ao focar nesses dois aspectos da aprendizagem, a BNCC dá ênfase ao que os estudantes devem saber até o final do seu percurso escolar, e, principalmente, àquilo que eles devem “saber fazer” (p. 13) – trata-se tanto do conhecimento a ser construído quanto das formas de empregá-lo.

Essa diretriz em relação à aprendizagem, com foco no desenvolvimento de habilidades e competências, visa a introduzir um novo modo de organização curricular, a partir de itinerários formativos (BRASIL, 2019, p. 467), desvinculados da fragmentação das disciplinas e voltados para a aplicação do conhecimento no cotidiano. Especificamente em relação à área de Linguagens na etapa do Ensino Médio, uma das metas é ampliar a autonomia, o protagonismo e a autoria na prática das diferentes linguagens, o posicionamento crítico em relação aos seus mais variados usos, compreendendo e demonstrando o seu poder de estabelecer relações (BRASIL, 2019, p. 470).

Considerando que os estudantes advindos do Ensino Fundamental já têm um conhecimento significativo em relação às práticas de linguagens, cabe ao Ensino Médio desenvolver e aprofundar a análise das múltiplas semioses e de seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multissemióticos” (p. 490). Nesse sentido, A BNCC considera importante que os jovens explorem as capacidades expressivas dessas diferentes semioses – visuais, sonoras, verbais e corporais –, para que eles “possam realizar reflexões que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados”. (p. 478).

A ampliação dessas capacidades pressupõe que seja consolidada a apropriação pelo aluno de determinados gêneros discursivos, que exijam um grau maior de reflexão, análise e síntese. Esses gêneros não podem ser desvinculados de esferas de atuação que organizam a vida em sociedade. Assim, são definidos, pela área, **campos de atuação social** como os eixos que organizam a abordagem, a fim de que os estudantes possam vivenciar as práticas de linguagem de maneira significativa e conectada com a vida para além do universo escolar. Como um dos os campos da atuação social definidos como os eixos organizadores, a BNCC postula o **campo jornalístico-midiático**, caracterizado pela circulação de gêneros publicitários e jornalísticos em diferentes mídias. Espera-se que o estudante que chega ao Ensino Médio seja capaz de ter uma relação crítica com os discursos produzidos nessa esfera, especialmente “perceber a impossibilidade de neutralidade absoluta no relato de fatos”, bem como aprofundar a compreensão e a análise dos interesses ligados ao campo, da relação entre opinião e informação. Trata-se, dentre outros aspectos, de ampliar a participação e o interesse dos jovens nas práticas relacionadas a conteúdos informativos e opinativos, focos da esfera jornalística e midiática. Assim, a BNCC define algumas habilidades relacionadas a todos os campos de atuação social, das quais destacamos as duas





primeiras transcritas abaixo, e outras específicas do campo jornalístico-midiático – trata-se da terceira habilidade listada:

- (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua. (BRASIL, 2019, p. 498).
- (EM13LP07) Analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito: uso de diferentes modalidades [...] e de diferentes recursos gramaticais que operam como modalizadores [...], uso de estratégias de impessoalização [...], com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção. (BRASIL, 2019, p. 499).
- (EM13LP37) Analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, [...] analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas como produtor. (BRASIL, 2019, p. 511).

Além de habilidades e competências, a BNCC define alguns gêneros como os privilegiados para desenvolver tanto a análise informativa quanto opinativa, especialmente aqueles relacionados às práticas nas redes sociais, que passam a ter um tratamento ampliado. Um exemplo desses gêneros é a reportagem, objeto de análise destas páginas.

Com base nesses pressupostos, consideramos que este trabalho oferece a possibilidade de refletir sobre a leitura de um gênero da esfera midiática, considerando os sentidos que são construídos linguisticamente, de modo a despertar no jovem a atenção ao modo como a organização discursiva é responsável pela não objetividade num texto que se pretende informativo. É de consenso que todos os discursos, em maior ou em menor grau, têm o objetivo de, de alguma forma, influenciar o seu leitor. O que nós consideramos importante nesta análise, partindo desse pressuposto, é despertar a percepção para a forma como essa influência acontece, por meio da análise linguística e enunciativa de uma reportagem. Para isso, além da análise minuciosa da construção linguística, consideramos fundamental a conceituação do campo em que se dá a circulação do gênero em análise. Assim, na próxima seção, apresentamos os gêneros jornalísticos, tal como concebidos no Brasil.





### 3 O DISCURSO JORNALÍSTICO NO BRASIL

O discurso do jornalismo é composto por diversas formas de expressão. Os modelos de redação variam de acordo com a informação, sua relevância, urgência, e com o veículo onde ela é trabalhada. Para que essa informação seja transmitida da melhor forma possível para a compreensão do seu receptor é que existem os gêneros jornalísticos<sup>4</sup>. Com eles, emissores podem ter uma base para trabalhar a informação, e receptores conseguem compreender essa informação. Trata-se de uma espécie de acordo entre produtor e receptor, segundo o qual se visa à compreensão e ao possível diálogo entre ambos.

No Brasil, foi a partir da segunda metade de século XX que os estudiosos passaram a se debruçar sobre os gêneros jornalísticos com a intenção de organizá-los por classificação. Por aqui, os gêneros foram articulados, principalmente, por dois autores: Luiz Beltrão e José Marques de Melo. Beltrão tinha como objetivo, ao trabalhar com os gêneros jornalísticos, produzir material que pudesse servir de referência para os estreates cursos de Jornalismo no Brasil. Assim, Beltrão apresentou três classificações para o texto jornalístico: informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem), interpretativo (reportagem em profundidade) e opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor). Já Marques de Melo, que se baseou nas ideias de Beltrão para compor a sua classificação, verificou a vigência de dois formatos: informativo e opinativo.

Com o passar do tempo e dos anos de estudo, Marques de Melo propôs uma nova classificação. O teórico adicionou, aos dois formatos já compreendidos, outros três gêneros: interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê), utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço) e diversional (história de interesse humano e história colorida). Apesar das divergências, prevalecem em comum dois gêneros essenciais: o informativo e o opinativo. (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010). Seixas (2004, p. 3) afirma que os critérios que fundamentam as propostas dos dois autores são, por exemplo, a finalidade ou a intencionalidade do texto, o seu estilo, a natureza do tema, as articulações interculturais, etc; além disso, argumenta que a principal referência para a classificação dos gêneros foi a separação entre forma e conteúdo, gerando uma divisão de acordo com temas, com a redação do texto em relação à realidade e às funções que pretende exercer – opinar, informar, entreter, etc.

No livro *A imprensa informativa* (1969), Luiz Beltrão detalha e exemplifica os gêneros jornalísticos brasileiros. Na categoria informativo, a notícia é, para o autor, “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista,

<sup>4</sup> Gêneros jornalísticos, aqui, não devem ser confundidos com os gêneros discursivos. Trata-se de uma terminologia específica da área da Comunicação Social.





interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82). O segundo gênero definido por Beltrão é a entrevista. De acordo com o autor, trata-se de uma prática na qual são feitos questionamentos à fonte com o propósito de obter informações e detalhes nas respostas.

Já a reportagem é definida pelo autor como “o relato de uma ocorrência de interesse coletivo testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista e oferecida ao público, em forma especial e através dos veículos jornalísticos” (ibidem, p. 195). Apesar de dizer que “reportagem é uma notícia”, o autor faz questão de diferenciá-las e diz que, na reportagem, o jornalista precisa ir atrás do aprofundamento dos fatos. Ainda na categoria informativa, o gênero jornalismo ilustrado é considerado importante por Beltrão porque foi a forma de comunicação que concentrou e ao mesmo tempo expandiu a significância desse modelo de informação.

No livro *Jornalismo Interpretativo – Filosofia e Técnica* (1976), Luiz Beltrão definiu a categoria interpretativa como “o objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, julguemos e possamos agir com acerto” (BELTRÃO 1976, p. 46). A diferença entre o jornalismo interpretativo e o opinativo está na objetividade, característica imprescindível para o primeiro.

O jornalismo opinativo é definido por Beltrão no livro *Jornalismo Opinativo* (1980). De acordo com o autor, o editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada e a opinião do leitor fazem parte da categoria opinativa. Dessa forma, no jornal, a opinião pode ser exposta pelo editor, pelo jornalista e pelo leitor. Um exemplo desse formato é o editorial, que traz a opinião da empresa sobre os mais diversos temas que podem estar relacionados a uma notícia já divulgada, a algo que está por vir a público ou a um evento extraordinário. O jornalista pode dizer o que pensa por meio do artigo ou de uma crônica. Já o leitor pode enviar um e-mail que poderá ser publicado na seção cartas do leitor, muito comum nos jornais. (BELTRÃO, 1980, p. 52).

Como seguidor do trabalho de Beltrão, José Marques de Melo revisa a classificação dos gêneros e traz uma nova proposta baseada em dois critérios: “a intencionalidade e a natureza estrutural do relato, limitando-se aos gêneros informativo e opinativo” (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p. 45). Apesar de compreender que os gêneros interpretativo e diversional estão inclusos, de certa forma, nas categorias opinativa e informativa, o autor traz para essa classificação, em sua literatura mais recente, conforme Marques de Melo e Assis (2010), os formatos de jornalismo interpretativo, diversional e utilitário.





### 3.1 Gênero jornalístico informativo

O jornalismo informativo pode ser definido tecnicamente como a reprodução do real. Para isso, segundo Lage (2001, p. 34), é imprescindível valer-se de um “tripé que os cânones do jornalismo já atribuíram a essa modalidade de narrativa: a imparcialidade, a veracidade e, notadamente, a objetividade”. O *Manual da Redação do jornal Folha de S. Paulo* esclarece que, apesar da obrigação que tem o jornalista de ser o mais objetivo possível e de relatar um fato com fidelidade, a objetividade plena no jornalismo é uma utopia. “Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções.” (MANUAL, 2011, p. 47).

Fazem parte do gênero jornalístico informativo, conforme classificação de Marques de Melo (2006), a Nota (Relato de acontecimento que está em processo de configuração) – trata-se da antecipação de um fato que pode gerar uma notícia e, portanto, nem todos os elementos são conhecidos.); a Notícia (Relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social.), que responde às perguntas do *lead* (O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê?); a Reportagem (Relato ampliado de acontecimento que produziu impacto no organismo social) – é o aprofundamento da notícia com os desdobramentos e detalhes do fato; e a Entrevista (Relato que privilegia a versão de um ou mais protagonistas dos acontecimentos, que dá “voz” aos “agentes” da cena jornalística). Apresentados todos os gêneros e suas funções no jornalismo, parte-se agora para o detalhamento da categoria que, logo mais, será vista como objeto de estudo deste artigo, a reportagem.

### 3.2 Reportagem

A reportagem, classificada por Marques de Melo (2003) como gênero jornalístico informativo, é a que traz o “a mais” da informação. É nela que o tradicional *lead* é desdobrado, que os detalhes são apresentados, que a história é humanizada e que o jornalista pode reportar, em uma narrativa próxima da literária, porém priorizando a objetividade, não só um fato, mas um acontecimento aprofundado em seu todo.

O aprofundamento, característico da reportagem, é fruto de um trabalho de pesquisa, investigação, interpretação e análise, que garantem, assim, o engrandecimento do conteúdo. Dines (1986, p. 90) explica que, para alcançar esse nível de engrandecimento, é preciso que o texto dê conta de cinco elementos essenciais: “a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro”. A estrutura da reportagem é





baseada no texto e suas escolhas textuais, que possibilitam ao jornalista contar e conduzir uma história e, assim, a leitura, para se aproximar da ideia que ele, ou a empresa, preza.

Para entender melhor como um texto pode ser ou não conduzido por quem o escreve, é preciso ir a fundo na raiz dessa questão. Sendo assim, partir-se-á, a seguir, para a compreensão da Semântica Argumentativa, desenvolvida pelos teóricos Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombe e Marion Carel.

#### 4 SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA: CONCEITOS GERAIS

A Teoria da Argumentação na Língua teve seu início na década de 70, com algumas importantes publicações de Oswald Ducrot, como *Princípios de Semântica Linguística: dizer e não dizer; Provar e Dizer, Escalas argumentativas*, entre outras, e contou com a coautoria de pesquisadores como Jean-Claude Anscombe e Marion Carel. Ao longo de sua construção, a Semântica Argumentativa (SA) passou por diferentes fases, mas sempre manteve uma mesma premissa: a de que a argumentação está na língua, pressuposto que fomentou e embasou o desenvolvimento da Teoria dos Blocos Semânticos a partir da década de 1990.

Como seu objeto de estudo é a argumentação, definida como o próprio sentido das entidades linguísticas, os autores apresentam sua teoria expondo o lugar que ela ocupa em relação a outras teorias que têm esse mesmo objeto de estudo. Para Ducrot (1990), de acordo com a concepção tradicional de sentido, é possível descrever o aspecto semântico de um enunciado por três indicações: as objetivas (que representam a realidade), as subjetivas (que mostram a atitude do locutor frente a realidade) e as intersubjetivas (que mostram a relação do locutor com as pessoas para as quais se dirige. No enunciado *Que calor!*, por exemplo, seria possível depreender um aspecto objetivo, que descreve a temperatura; um aspecto subjetivo, que indica a insatisfação do locutor em relação à temperatura; e um aspecto intersubjetivo, através do qual o locutor sugere ao destinatário, por exemplo, que abra a janela. Ducrot (1990, p. 51) explica que, frequentemente, é chamada de denotação a orientação objetiva e de conotação as orientações subjetivas e intersubjetivas. É esta separação, chamada de concepção tradicional do sentido, que o autor visa alterar, já que, para ele, a descrição nunca acontece diretamente, mas sempre expressa a subjetividade do locutor e a relação que mantém com o destinatário da enunciação, aspectos unificados por Ducrot (1990) no conceito de valor argumentativo.

O valor argumentativo de uma palavra é a orientação, o direcionamento que esta palavra dá ao discurso. Conforme Ducrot (1990, p. 51), o emprego de uma palavra é que faz possível ou não a continuidade de um discurso e “o [seu] valor argumentativo [...] é o conjunto de possibilidades ou





impossibilidades de continuação discursiva que o emprego dessa palavra determina "(tradução nossa)<sup>5</sup>. Já na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), a orientação argumentativa dá lugar ao conceito de interdependência semântica, segundo o qual o sentido de um encadeamento argumentativo deriva da relação, por meio de um conector, entre os dois segmentos que o constituem, como veremos a seguir.

Para Carel e Ducrot (2008, p. 9), a TBS parte do conceito de signo e de valor linguísticos, propostos por Saussure: para este teórico (2006), o valor de um signo está constituído pelo conjunto de relações que esse signo mantém com outros signos da língua. Por considerar o termo “relações” de que trata Saussure (2006) demasiadamente vago, Carel e Ducrot (2005) definem como relações pertinentes as argumentativas, estabelecidas por um conector entre segmentos de um enunciado, as quais são denominadas pelos autores como *argumentações*, definidas pela TBS como o nível fundamental da descrição linguística (CAREL; DUCROT, 2005).

Uma argumentação é constituída pela relação de um segmento A interligado por um conector a um segmento B, cuja interdependência semântica resulta no sentido do enunciado. Essa interdependência dá origem a um bloco semântico, que tem como fórmula geral: (A) conector (B) (CAREL; DUCROT, 2005, p.14). As argumentações são estabelecidas em dois formatos: *normativas e transgressivas*. As normativas são interligadas por conectores representados por *donc* (DC), que em português significa “portanto”, e ainda podem ser substituídos por outros, como “por isso”, “consequentemente”. Já as *transgressivas* são unidas pelo conector *pourtant* (PT) que, em português, pode ser traduzido como “no entanto” e que também pode ser substituído por outros que tenham o mesmo valor semântico, como “apesar de”, “mesmo assim”, etc. (BARBISAN, 2013). A fim de ilustrar esses conceitos, tomamos o enunciado *O time jogou bem, mas foi eliminado do campeonato*: a este enunciado subjaz o aspecto argumentativo *BOM TRABALHO PT NEG ÊXITO*, uma espécie de nível fundamental da descrição semântica, em que o primeiro segmento, *BOM TRABALHO*, é identificado como A, o segundo segmento, *ÊXITO*, é identificado como B, e o conector PT é responsável por estabelecer a relação de transgressão, acrescido da negação. Esses dois segmentos, relacionados pelo conector mais a negação, constroem um bloco semântico, definido como *o trabalho conduz ao êxito*.

Os aspectos argumentativos, além de estarem subjacentes a enunciados, podem, ainda, expressar o sentido do léxico. A Argumentação Interna (AI) e a Argumentação Externa (AE) são os possíveis sentidos correspondentes às palavras/entidades (e), os quais são compreendidos como aspectos que a elas correspondem. Assim, ao modo interno corresponde a Argumentação Interna (AI), uma espécie de

<sup>5</sup> Versão original: “el valor argumentativo de esa palabra es el conjunto de esas posibilidades o imposibilidades de continuación discursiva que su empleo determina” (DUCROT, 1990, p. 51).





paráfrase do termo; e a Argumentação Externa (AE) de uma palavra pode ser dela uma continuação; “compreende discursos em que são assinaladas as causas ou conseqüências da entidade, conforme esta esteja à direita ou à esquerda” (BARBISAN, 2002)<sup>6</sup>.

Apresentados os principais conceitos que norteiam a proposta, passamos à análise da reportagem *Os últimos dias de Dilma Rousseff*.

## 5 OS ÚLTIMOS DIAS DE DILMA ROUSSEFF: UMA ANÁLISE DO GÊNERO REPORTAGEM

A reportagem a ser analisada, *Os últimos dias de Dilma Rousseff*<sup>7</sup>, datada de 06 de maio de 2016 e publicada no site da revista *Veja*, assinada pela redação do veículo, é uma versão enxuta da reportagem especial, homônima, publicada nas páginas impressas da revista e assinada pelo repórter Robson Bonin. Serão analisados, além da imagem que compõe a reportagem juntamente com o texto em linguagem verbal, trechos específicos do texto com vistas a elucidar o percurso linguístico desenhado pelo locutor, bem como ilustrar como a escolha das palavras guia a leitura e, portanto, constrói um posicionamento. Iniciemos a análise pela descrição do gênero jornalístico em questão segundo a classificação proposta por Marques de Melo (1994). O formato do texto informativo é dito reportagem, pois não se limita em anunciar uma notícia, mas, de forma ampliada, desdobra as informações a respeito de um assunto, neste caso, os detalhes acerca do *Impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Com o aprofundamento dos fatos, esse gênero textual, que se aproxima do estilo literário, traz um “relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MARQUES de MELO, 1994, p. 65). É a partir de uma reportagem, como a que será analisada na sequência, que o conhecimento nela referido é expandido, tanto no texto quanto para com o seu público.

Em *Os últimos dias de Dilma Rousseff*, é possível encontrar os cinco elementos que Dines (1986, p. 90) considera essenciais para caracterizar uma reportagem: “a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro”. Tais elementos são identificados ao longo da narrativa, como veremos no decorrer desta análise, especialmente quando o jornalista descreve as peculiaridades que ilustraram a trajetória de Dilma

<sup>6</sup> Para um aprofundamento teórico acerca dos conceitos da TBS, sugerimos a leitura de Lebler (2018).

<sup>7</sup> A reportagem completa poderá ser acessada no link <https://veja.abril.com.br/brasil/os-ultimos-dias-de-dilmarousseff/>



Rousseff como presidente, os motivos que a levaram ao *Impeachment* e o que tal acontecimento agrega à presidente e ao cenário político da ocasião.

Essas observações são relevantes quando pensamos no estudo das linguagens a partir da perspectiva dos gêneros do discurso, caracterizados, fundamentalmente, por sua função sociocomunicativa em universo de práticas sociais. No estudo do gênero reportagem, é necessário, mas não suficiente, buscar as características que a configuram como tal, de um modo meramente descritivo ou classificatório, mas explorar a função que desempenha socialmente, bem como sua estruturação multissemiótica, como informativa e, ao mesmo tempo, formadora de opinião.

Passamos à análise das linguagens que constituem o discurso em questão. A narrativa, que conta como foram os momentos que findaram a trajetória de Dilma Rousseff enquanto presidente do Brasil, às vésperas do próprio *impeachment*, constrói-se semanticamente a partir do encadeamento de enunciados que especificam *os últimos dias* referidos nos sintagmas que a intitulam, conforme figura abaixo:

**Figura 1:** Manchete, submanchete e foto da reportagem em análise



Fonte: <https://veja.abril.com.br/brasil/os-ultimos-dias-de-dilma-rousseff/>

Iniciemos pela análise da imagem, cuja legenda remete à chegada da tocha olímpica das Olimpíadas realizadas na cidade do Rio de Janeiro, em 2016. Nela, aparecem dois elementos extremamente significativos para a construção do sentido da foto e, conseqüentemente, da reportagem: a ex-presidente Dilma Rousseff e o fogo.

Em uma análise simbólica do fogo, remontamos à importância e à representação que ele tem na história e na cultura da humanidade. De acordo com Goudsblum (2014), considera-se que a sociedade,



tal como a conhecemos hoje, teve sua origem no domínio do fogo pelos homens, que possibilitou que eles se mantivessem ativos mesmo durante a noite, permitiu a preparação de alimentos e bebidas, especialmente a carne, foi usado como arma de defesa a fim de afugentar animais e grupos rivais, na agricultura, para limpeza de áreas, além de permitir a manipulação e a fundição de metais. Assim, à palavra *fogo*, segundo essa descrição, poderia ser atribuída a significação *FOGO DC ÚTIL AOS HOMENS*.

Na mitologia greco-romana, o fogo também assume papel importante, ligado, de diferentes maneiras, a vários deuses: Hermes, deus grego considerado inventor do fogo, Hefesto, deus grego do fogo e dos metais, correspondente a Vulcano, na mitologia romana, Apolo e sua carruagem de fogo, Angra, deusa do fogo na mitologia Guarani, entre outros (MINDLIN, 2002). O mito mais significativo em relação ao fogo está ligado ao deus grego Prometeu, que, na mitologia grega, roubou o fogo dos deuses e o entregou aos Homens, dissipando as trevas e dando luz e esperança à Humanidade (SOTTOMAYOR, 2001). É a esta última simbologia que faz alusão o fogo olímpico, considerado como algo sagrado, e que, por esse motivo, mantinha-se aceso em muitos templos, como no templo de Héstia, na cidade de Olímpia, onde tiveram origem os jogos olímpicos. Atualmente, nas edições modernas nos jogos, o fogo é mantido aceso durante toda a competição.

A imagem do fogo dos Jogos Olímpicos do Rio, conforme legenda da foto, e da ex-presidente Dilma, ao fundo, quando transposta para o contexto da reportagem, adquire outro significado: o fogo deixa de representar o sagrado e a esperança e passa a representar a destruição, aquilo que corrói e dissipa, bem como o castigo, tal como nas alusões bíblicas ao “fogo do inferno”. Com base nesses pressupostos, podemos afirmar que o fogo representa a destruição do governo da ex-presidente Dilma e assume outra significação: *FOGO DC DESTRUIÇÃO*, o que é corroborado tanto pela manchete, “Os últimos dias de Dilma Rousseff”, quanto pelo corpo do texto. Em relação à manchete, podemos afirmar que “os últimos dias” fazem alusão ao período final de Dilma como presidente da república, como também uma referência simbólica ao fim, à morte e à destruição.

Nessa reportagem, portanto, a interação entre o verbal e o não verbal, entre diferentes sistemas semióticos, é fundamental para a construção do sentido, e a análise dessas linguagens, tal como prevê a BNCC, é imprescindível para a compreensão dos mecanismos dessa construção.

Passemos, agora, à análise do corpo da reportagem, do qual destacamos tanto o significado de parágrafos em sua globalidade como a representatividade de palavras ou expressões específicas para a construção do ponto de vista do locutor jornalista<sup>8</sup>. No primeiro dos dezessete parágrafos, o locutor

<sup>8</sup> Em razão da extensão da reportagem analisada, optamos por não apresentar aqui sua transcrição. A versão na íntegra poderá ser encontrada na web, em endereço disponível nas referências deste trabalho.





inicia a (des)construção da personagem, cuja história é narrada na reportagem, por meio de uma sequência de enunciados que mostram a presidente Dilma Rousseff como alguém equivocado

Essa caracterização se configura nos seguintes encadeamentos argumentativos, evocados pelos enunciados do trecho: *ter certeza de que poderia influenciar na economia, no entanto equivocar-se; ter certeza de que poderia escolher aliados, no entanto equivocar-se; ter certeza de que poderia desvincular sua imagem daquela de seu partido, no entanto equivocar-se; ter certeza de que o impeachment é um golpe, no entanto equivocar-se*. A todos esses encadeamentos subjaz o aspecto TER CERTEZAS PT EQUIVOCAR-SE. O uso de *seria, poderia e conseguiria* pelo locutor coloca em cena outro aspecto argumentativo, converso ao assumido por ele, o qual é atribuído à própria presidente, representado por TER CERTEZAS DC NEG EQUIVOCAR-SE.

Nos dois parágrafos seguintes, o locutor dá sequência à descrição da personagem principal da história, Dilma Rousseff, em que é apresentado o seu cotidiano e nos quais Dilma é tratada como uma pessoa isolada. No segundo parágrafo, o isolamento é retratado em relação aos funcionários do Palácio da Alvorada, os quais são qualificados como *espões e espectadores incômodos*, e levado ao extremo pelo uso de *até mesmo*. No terceiro parágrafo, o isolamento passa a ser caracterizado como *solidão*, já que, segundo o locutor, a ex-presidente não mantém relações de cunho pessoal com ninguém além de sua mãe, que, pela idade avançada, também é considerada incapaz de estabelecer qualquer tipo de interação. Os encadeamentos evocados pelos enunciados dos parágrafos são: *não se relacionar nem mesmo com funcionários, portanto isolar-se; não ter relações íntimas, portanto isolar-se*; já o aspecto argumentativo subjacente é NEG TER RELAÇÕES DC SER SOLITÁRIA. Além desses elementos destacados, merece análise o uso de modalizadores, como a palavra *deve* e a palavra *provavelmente*, por meio da qual o locutor introduz no discurso a sua apreciação acerca do afastamento de Dilma, tomando como algo certo e irreversível.

Do quarto ao sétimo parágrafo, a narrativa traz uma alteração em seu rumo para detalhar como a personagem principal construiu a sua trajetória até então, para expor as características e curiosidades mais adversas que formam o perfil de Dilma Rousseff e para explanar como se iniciou a decadência na presidência do País:

Nesses parágrafos, o locutor jornalista apresenta dois tipos de causas do fracasso da ex-presidente Dilma como comandante do Brasil: as pessoais e as políticas. As causas políticas dizem respeito à sua trajetória, já que antes de se tornar presidente da república nunca tinha disputado eleições e havia atuado apenas em “cargos gerenciais”. As causas pessoais têm a ver com o perfil construído pela reportagem, na qual a presidente é descrita como pouco tolerante e pouco sensível às relações políticas, cuja consequência é o isolamento e a perda de apoio político. Os encadeamentos argumentativos que parafraseiam esses parágrafos são *desrespeitar subordinados, portanto não ser tolerante* (quarto parágrafo); *não oferecer regalias, portanto não agradar* (quinto parágrafo); *não oferecer cargos a aliados, portanto não agradar* (sexto parágrafo) e *perseguir*





Eduardo Cunha, portanto não agradar (sétimo parágrafo). Aos encadeamentos argumentativos que parafraseiam os parágrafos citados subjazem os aspectos NEG TOLERÂNCIA DC NEG APOIO POLÍTICO; NEG AGRADAR ALIADOS DC NEG TER APOIO POLÍTICO.

Cabe enfatizar que a maneira negativa como o locutor jornalista retrata a ex-presidente, não necessariamente usando expressões adjetivas, mas descrevendo ações executadas por ela que a qualificam como tal, a exemplo: *quer tudo para ontem; acha que entende de qualquer assunto; não deixa o interlocutor terminar as frases; pode mesmo lançar objetos sobre o seu interlocutor; riscar na última hora da lista de passageiros do avião presidencial parlamentares previamente convidados a viajar com ela*, colaboram para o sentido global do texto, segundo o qual a própria ex-presidente deve ser culpada pelo seu fracasso na condução do governo federal.

No oitavo e no nono parágrafos, o enredo traz dois personagens importantíssimos ao que se relaciona à queda de Dilma Rousseff: Eduardo Cunha e Michel Temer, à época vice-presidente da república. Nesses trechos, a reportagem caracteriza a ex-presidente Dilma como vítima de uma conspiração. Os encadeamentos argumentativos evocados são *ter seu partido manipulado, portanto ser vítima de uma conspiração* (oitavo parágrafo) e *ser traída pelo vice-presidente, portanto ser vítima de uma conspiração* (nono parágrafo). A esses encadeamentos subjaz o aspecto argumentativo SER TRAÍDA DC SER VÍTIMA. O locutor do discurso, entretanto, não assume esse ponto de vista, uma vez que o discurso como um todo, conforme veremos a seguir, caminha para a indicação de que a própria ex-presidente, pelo seu perfil e pelas suas atitudes, foi responsável pelo fim do seu mandato.

Cabe a ênfase ao modo como Eduardo Cunha e Michel Temer são caracterizados pelo locutor: o primeiro é chamado de “pai do impeachment”; o segundo, claramente designado como “algoz”. Esses parágrafos colocam em oposição Dilma e os personagens que a ex-presidente considera como os responsáveis pela sua queda, posição da qual o locutor discorda. Isso pode ser observado no nono parágrafo, quando o locutor jornalista afirma que Dilma “tem certeza de que o peemedebista passou a trabalhar para tomar-lhe o cargo”; esse ponto de vista não é atribuído ao locutor jornalista, mas sim a um enunciador, este assimilado à ex-presidente.

Do décimo primeiro ao décimo terceiro parágrafo, o texto traz os bastidores, as manobras e as tentativas de evitar o *impeachment*, orquestrados pelos principais aliados do governo petista. No décimo primeiro parágrafo, a oposição descrita entre a ex-presidente Dilma e seu vice Michel Temer é acentuada, especialmente pelo uso das palavras *adversário* e *inimigo*. A escolha desses termos para caracterizar Dilma em lugar de fazê-lo em relação a Temer mostra o posicionamento do locutor em relação àquele que precisa ser derrotado e àquele que deve ser coroado como vencedor. Assim, considerando que a argumentação na língua significa estabelecer relações entre palavras, entrelaçá-las (CAREL, 2017), o





locutor, ao fazer essa escolha lexical, conduz seu leitor à conclusão de que Dilma deveria, de fato, sofrer impedimento.

A ideia de isolamento apresentada no segundo e no terceiro parágrafos é reiterada no décimo primeiro e no décimo segundo parágrafos, quando é descrita a movimentação dos aliados políticos de Dilma no dia da votação do *impeachment*. De acordo com o relato, Lula e outros aliados acompanharam a votação do palácio da Alvorada, morada da ex-presidente; entretanto, não lhe fizeram companhia, conforme atestam os trechos “Lula também foi ao palácio, mas ficou a maior parte do tempo na área da piscina”, “Os homens se revezavam em idas esporádicas à biblioteca, de onde voltavam com números e notícias cada vez piores” e “Bem mais tenso e silencioso era o clima na biblioteca. [...] Ao contrário da conversa animada lá fora, na sala os comentários diante das falas dos deputados vinham quase aos sussurros.” No primeiro enunciado, o articulador *mas* é responsável por inverter a argumentação do segmento que o precede: espera-se que Lula tenha feito companhia a Dilma, o que não ocorreu. Já no segundo enunciado, a ideia de solidão é reafirmada pela palavra *esporádicas*. No terceiro enunciado, há o contraste entre *conversa animada* e *sussurros*. A presença dessas figuras políticas configura-se quase que como uma ausência, já que a reportagem demonstra um distanciamento apesar da presença física. O aspecto argumentativo que subjaz a esse parágrafo é NEG TER COMPANHIA DE ALIADOS DC SER SOLITÁRIA.

Na sequência, a narrativa assume outro viés argumentativo. A expressão temporal “por volta das 10 da noite”, que constitui uma marca linguística de progressão textual, permite encadear novos acontecimentos: a derrota já era irreversível, não havia mais possibilidades de a ex-presidente não sofrer o *impeachment*. Apesar disso, como é visto no décimo quinto parágrafo, Dilma Rousseff ainda se agarrava a um fio de esperança transposto ao julgamento final, como confirma a narrativa:

Nesse parágrafo, o locutor apresenta a ex-presidente em três estados de espírito: a falta de esperança em reverter a admissão do processo no Senado; a esperança de não sofrer *impeachment* no julgamento final, estado de espírito oposto ao primeiro, introduzido pelo operador “mas”, e, por fim, novamente a falta de esperança, demonstrada pelo despacho de objetos para sua residência, em Porto Alegre. Percebe-se uma contradição que pode ser elucidada com o conector argumentativo transgressivo *no entanto*. O encadeamento evocado pelo trecho é *ter esperança de permanência no governo, entretanto despachar objetos; despachar objetos portanto esperança reduzida*. Assim, os aspectos que subjazem a esse parágrafo são TER ESPERANÇA PT INICIAR MUDANÇA, o qual pode ser atribuído à ex-presidente, e NEG TER ESPERANÇA DC INICIAR MUDANÇA, assumido pelo locutor da reportagem. Cabe destaque, ainda, neste parágrafo, às palavras *se agarra* e *salvar*, que representam a intensidade de uma ação e de uma possibilidade, ambas de





caráter extremo. Tais palavras trazem à tona a ideia do desespero de Dilma em manter-se esperançosa em uma última chance de não ser impeachmada e continuar o seu governo.

A partir desse momento da reportagem, os dois parágrafos seguintes imprimem uma nova direção ao discurso. No décimo sexto, a história apresenta uma Dilma Rousseff já consciente de sua nova posição: a de presidenta “impeachmada” e que, agora, mira o seu futuro fora da presidência, em Porto Alegre, junto da família.

No trecho “Lá, com a ajuda do jornalista Ricardo Amaral, pretende escrever um livro que incluirá, além da defesa de seu governo, “reflexões sobre o país” e sobre “o projeto”, como costuma se referir ao ideário petista em que um dia acreditou”, aparece a construção do encadeamento argumentativo *fim do mandato, portanto novos objetivos*, ao qual também subjaz o aspecto NEG TER ESPERANÇA DC MUDANÇA já ocorrido anteriormente no discurso.

Ao último parágrafo resta a explicação jornalística que aponta as informações acerca do crime que deu origem ao processo de *impeachment*. Nele, o locutor coloca em oposição dois pontos de vista: aquele que ele próprio defende, segundo o qual a ex-presidente Dilma construiu sua própria ruína, e o ponto de vista de Dilma, que se coloca como vítima de uma conspiração contra seu governo.

Assim, tem-se, então, uma narrativa que se transforma no decorrer dos seus dezessete parágrafos, transformação essa que é apresentada pelos encadeamentos de enunciados que contribuem para a definição do sentido: os últimos dias de Dilma Rousseff, desde as suas características peculiares, sua trajetória política, seus esforços para vencer a crise em torno do seu governo, e, por fim, a sua queda, prevista, mas não admitida por ela. Ao longo da narrativa, é possível perceber a defesa de dois pontos de vista, por meio de dois aspectos que aparecem claramente opostos: aquele sustentado pelo locutor da reportagem – a) FAZER JUS AO IMPEACHMENT DC NEG SER INJUSTIÇADA – e aquele atribuído por ele a Dilma Rousseff, o qual lhe é recíproco e pertence ao mesmo bloco semântico – b) NEG FAZER JUS AO IMPEACHMENT DC SER INJUSTIÇADA. Segundo nossa análise, o locutor, ao longo da reportagem, por meio das escolhas lexicais e dos enunciados que compõem os parágrafos, busca levar seu leitor a assumir o aspecto A e a rejeitar o aspecto B.

## 6 REFLEXÕES FINAIS A PARTIR DA ANÁLISE E SUA RELAÇÃO COM AS HABILIDADES PROPOSTAS PELA BNCC

O presente artigo teve como objetivos a) apresentar uma síntese teórica acerca dos gêneros jornalísticos no Brasil, como um guia para o ensino de língua com base em gêneros discursivos presentes no cotidiano dos estudantes e b) apresentar como a Semântica Argumentativa e a Teoria dos Blocos





Semânticos pode ser uma ferramenta para a análise linguística desses discursos, com vistas ao desenvolvimento de algumas das habilidades presentes no documento.

O estudo minucioso do discurso selecionado, considerando a construção dos enunciados e o léxico utilizado pelo locutor, permite, em consonância com o que propõe a BNCC, que o estudante tenha condições de estabelecer uma relação crítica com os discursos com os quais tem contato, e que possa perceber a impossibilidade de neutralidade e de imparcialidade absoluta no relato dos fatos. Esse estudo do texto a partir dos pressupostos da Semântica Argumentativa possibilita, assim, o desenvolvimento das habilidades referentes à área de Linguagens, transcritas na primeira seção deste trabalho – “analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua. (BRASIL, 2019, p. 498)” e “analisar, em textos de diferentes gêneros, marcas que expressam a posição do enunciador frente àquilo que é dito [...] com vistas ao incremento da compreensão e da criticidade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção. (BRASIL, 2019, p. 499). Acrescentamos que a análise aqui apresentada evidencia o entrelaçamento linguístico de vozes e de palavras/enunciados, necessitando, em uma situação didática, de transposição.

Assim, com base no referencial teórico apresentado e na análise realizada, podemos afirmar que o estudo das diferentes semioses que constituem um discurso é de fundamental importância para que o seu sentido, de modo global, seja percebido. No caso do discurso em epígrafe, a imagem da ex-presidente Dilma Rousseff em meio a chamadas, a manchete e o corpo do texto constroem, juntos, o sentido de destruição, de encerramento – a representação do impedimento votado pelo congresso brasileiro que pôs fim ao seu mandato.

## REFERÊNCIAS

BARBISAN, L. B. A construção da argumentação no texto. **Letras de Hoje**, v. 37, n. 3, p. 135-147, 2002.

BARBISAN, L. B. Semântica argumentativa. *In*: C. JUNIOR FERRAREZI; R. BASSO (org.). **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-31.

BELTRÃO, L. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BELTRÃO, L. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1969.





BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf). Acesso em: 07 nov. 2019.

CAREL, M. Significação e argumentação. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, p. 2-20, jan./abr. 2017.

CAREL, M.; DUCROT, O. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, M.; DUCROT, O. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, 2008.

DINES, A. **O papel do jornal**: uma releitura. São Paulo: Summus, 1986.

DUCROT, O. **Polifonia y argumentación**: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Universidad del Valle, Cali, 1990.

GOUDSBLUM, J. O fogo e os combustíveis na história da humanidade. In: GEBARA, A.; COSTA, C. J.; SARAT, M. (org.). **Leituras de Norbert Elias**: processo civilizador, educação e fronteiras. Maringá/PR: Eduem, 2014. p. 55-80.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

LEBLER, C. D. Teoria dos Blocos Semânticos: exposição e reflexão teórica. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 22, p. 21-37, 2018.

**MANUAL da redação**: Folha de S. Paulo. 17. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

MARQUES DE MELO, J. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, J. **Teorias do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MARQUES DE MELO, J; ASSIS, F. de. (org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MINDLIN, B. O fogo e as chamas dos mitos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 149-169, abr. 2002.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L., BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros**: teorias, métodos debates. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.





SEIXAS, L. Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS*, 13., 2004, São Bernardo do Campo. **Anais [...]**. São Bernardo do Campo, 2004. p. 1-15. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/28326490/Generos-Jornalisticos-Digitais>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Revista Veja. **Os últimos dias de Dilma Rousseff**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/os-ultimos-dias-de-dilma-rousseff/>. Acesso em: 25 de jun. 2017.

SOTTOMAYOR, A. P. Q. O fogo de Prometeu. **Humanitas**. v. 53, 2001.

*Artigo recebido em: 25/02/2020*

*Artigo aprovado em: 01/05/2020*

*Artigo publicado em: 18/06/2020*

#### COMO CITAR

DRUM, M. F.; LEBLER, C. D. C. Argumentação, gêneros do discurso e o desenvolvimento de habilidades a partir das orientações da BNCC. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-19, e02005, 2020.

